

Inadimplência em tempos de crise

Quatro entre 10 brasileiros estão com suas contas atrasadas. De acordo com o

Serasa Experian, a taxa de inadimplência bateu quase 17%. A indefinição no cenário

econômico atrapalha e até gera depressão. Mas, existem saídas para a crise. **Página 3**

Poços artesanais para economizar água

Condomínios e empresas já investem nesta nova opção de aproveitamento dos recursos hídricos.

Com os problemas de abastecimento, a prática é alternativa para economizar. **Página 4**



Alexandre Correia



Marly Galindo

Tecnologia avança no campo da inclusão social

Novos aplicativos auxiliam deficientes visuais no cotidianos de estudos e trabalho. **Página 5**

Precisamos falar sobre SUICÍDIO entre os jovens

De acordo com o Centro de Valorização à Vida - CVV -, um brasileiro tira a sua própria vida a cada 45 minutos. **PÁGINA 6**

Espectáculos grandiosos tomam conta de São Paulo e a transformam na Broadway brasileira



Divulgação

Youtubers enriquecem com a internet

Eles não têm 30 anos e já ficaram milionários com seus vídeos descontraídos na rede. **Página 7**

Crise na Ucrânia prejudica atletas brasileiros

Página 11

Ex-alunos da Fapcom são premiados em evento nacional

Recém-formados dos cursos de RP e RTVI receberam o primeiro

lugar no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



Leslye Revelli

COMUNICAÇÃO EM REVOLUÇÃO

Pe. Jackson Ferreira de Alencar
Pró-diretor Acadêmico da FAPCOM

Um dos problemas principais do mundo da comunicação social, ao longo do século XX, foi a crescente concentração de poder midiático nas mãos de alguns poucos grupos privados, reforçando desigualdades econômicas e sociais, dominação política e possibilitando elevado grau de indução cultural e ideológica. No caso do Brasil, esse problema tem sido ainda mais grave, com a concentração de meios de comunicação em poucos grupos familiares, sendo o mais forte o sistema Globo, que durante décadas teve poderes quase “absolutos” sobre o país. No passado recente esse grupo costumava eleger presidentes, derrubá-los, nomear e demitir ministros, além de outras influências sobre o país que continua exercendo, mas em um grau cada vez menor. A verdadeira revolução que vem acontecendo no mundo das comunicações tem lhe tirado audiência e, com isso, diminuí também seu poder.

A comunicação social que se dava de poucos meios para enormes audiências está cada vez funcionando em outra lógica, com audiências mais segmentadas e pulverizadas; comunicação de muitos para muitos, em um emaranhado de redes. A informação e o entretenimento estão ficando mais multidirecionais e horizontais. Na ausência de políticas públicas para democratizar a comunicação no Brasil, essa revolução tem dado uma significativa contribuição para tal democratização. Isso não exclui a necessidade de políticas públicas, mas ameniza o problema, diante da omissão de nossos legisladores.

Com novas possibilidades de comunicação, informação e entretenimento via Internet, as pessoas, especialmente as novas gerações, não querem mais ficar à mercê das “grades” de programação, das poucas opções e do controle de informação exercidos pelos meios de massa estabelecidos. Por isso as audiências vêm caindo, bem como assinaturas e tiragens de jornais e revistas. No caso da rede Globo, há 10 anos sua média diária de audiência

era de 21 pontos. Atualmente está na casa dos 14 pontos, uma perda de 30% ou de um em cada três telespectadores. Cito alguns exemplos emblemáticos: nos anos 80 o Jornal Nacional tinha 80% de audiência, hoje sua audiência está na casa dos 23%. Nos últimos anos tem havido dias em que o jornal teve menos de 20 pontos. A novela “das nove”, que chegava a ter 63 pontos de audiência, hoje fica na casa dos 25 pontos. Mais cedo ou mais tarde isso irá pesar no faturamento das organizações Globo.

Toda essa mudança de audiência dos meios tradicionais se explica por dois fatores principais, por um lado essas novas possibilidades de comunicação propiciadas pelas novas tecnologias; por outro, a percepção por parte do público da baixa credibilidade de certos programas e meios de comunicação. No caso dos noticiários, o público perdeu a atração quase mística que tinha por alguns programas, principalmente o Jornal Nacional, passando para um posicionamento desconfiado.

Com relação ao entretenimento, também há muitas outras possibilidades para o tempo livre oferecidas pela internet, as quais cada vez mais entram nas preferências e costumes da população. As novas gerações, sobretudo, não têm muita paciência para assistir novelas que prolongam suas histórias e desfechos por meses, de forma entediante. A juventude atual tende a preferir seriados curtos, vídeos do Youtube, filmes, games, navegar nas redes sociais. Diversas pesquisas atestam isso.

Com a ampliação do acesso à internet e melhoria de sua velocidade, essas tendências tendem a acentuar-se. Entretanto, apenas as mudanças tecnológicas não garantem a democratização da comunicação. É necessário a conscientização social e iniciativas legislativas e governamentais para que avance de maneira mais consistente para que a comunicação e, por consequência, o país, usufrua de democracia mais consistente.

FAPCOMUNICA

ANO 2 - NÚMERO 5 - DEZEMBRO DE 2015

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-direção Acadêmica: Pe. Jackson Ferreira de Alencar
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coordenação do curso de Jornalismo: Prof. Gustavo Rick

Conselho Editorial:
Prof. Claudenir Modolo Alves
Prof. Marcia Regina Carvalho da Silva
Prof. Vanderlei Postigo
Prof. João Elias Nery
Prof. Adriano Miranda de Jesus
Prof. Luis Paulo Neves

Coord. de redação:
Prof. Lillian Crepaldi - Mtb 43.315
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546
Revisão:
Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do IV Semestre de
Jornalismo (matutino e noturno)

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 4.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Geração Canguru

JULIANE ALVARENGA
MICHELE MONTEIRO

Em contraste com as décadas de 60 e 70, quando a juventude idealista saía em busca de autonomia para morar em qualquer ‘cafofo’, hoje há jovens adultos sem pressa de sair de casa. Os jovens entre 25 e 34 anos que ainda vivem com os pais já têm um nome: geração canguru. O apelido vem da comparação dos cangurus, que só saem da bolsa das mães quando realmente se sentem seguros, assim como esses jovens. Este é um fenômeno em crescimento no Brasil, onde em cada 4 filhos nesta faixa etária ainda vivem com parentes, de acordo com o IBGE.

Para eles, a liberdade está dentro do quarto, com casa, comida e roupa lavada. A “geração canguru” aproveita a comodidade para juntar uma grana, ter uma qualidade de vida melhor ou apenas resistir em assumir as responsabilidades da vida adulta independente. Sem o conflito de gerações e empenhados em dar aos filhos a liberdade que não tiveram no seu tempo, os pais nada cobram em troca da boa companhia. Em alguns casos nem são cobrados para ajudar financeiramente dentro de casa. Então, por que largar tudo isso?

O estilo canguru de ser é predominantemente masculino.

O perfil é de rapazes, de 29 a 32 anos, solteiros ou que separaram e voltaram para casa dos pais. Quase todos são bem-sucedidos, com pós-graduação e bons carros. São grandes na função que exercem, mas se acham incapazes de cuidar de uma casa. Em contrapartida, as mulheres são mais independentes e buscam cada vez mais seu espaço, tanto pessoal, quanto profissional. Dessa forma, correm mais atrás para manter sua liberdade.

Não é à toa que encontramos seres humanos imitando esse comportamento animal por todo o Brasil. Marcelo Rodrigues tem 28 anos, é formado em enfermagem, já fez duas graduações, está cursando a terceira e ainda mora com os pais.

“Eu já tenho estabilidade financeira o suficiente para morar sozinho, mas isso seria muito chato, teria que me preocupar em cuidar da casa, organização, limpeza, e tendo minha mãe por perto fica tudo mais fácil.”

Sandra Rodrigues é a mãe canguru do Marcelo, todos os dias às 17:30 ela estaciona o carro próximo à estação de metrô Jardim São Paulo. “Eu venho buscar ele com o maior prazer, mesmo com os seus 28 anos, ele continua sendo o meu bebê.” Marcelo faz o resto do percurso na bolsa da mãe, ou melhor, no carro.

Pequenos mimos são características dessa Geração Canguru,



Casa, comida e roupa lavada compõem o cenário ideal para estes jovens

que encontra cada vez mais dificuldades de deixar carinho, comida na mesa e roupas lavadas para trás.

A psicóloga Ranielle Moreira esclarece os benefícios para esses jovens adultos: “Esses cangurus estão mais presentes nas regiões metropolitanas, o tardar dessa saída de casa, é uma vantagem para quem pode. É uma forma de se qualificar mais, acumular mais recursos para com-

prar um apartamento, móveis de melhor qualidade, comprar um carro. Eles estão em um tempo de espera para um momento melhor, pois é de extrema importância ir para o mundo e assumir responsabilidades.”

Em contrapartida, temos é não podemos deixar de citar, jovens que ainda buscam a sua independência. Há casos em que eles se colocaram bem no

mercado de trabalho, graças ao seu período de estudo, garantindo assim uma renda para deixar a bolsa da mãe. Entre eles, encontramos os que estão enfrentando uma jornada de transição para alcançar ainda sua liberdade, casos de jovens que estudam e trabalham ao mesmo tempo, em períodos diferentes, abrindo mão de lazeres, em busca de um futuro próspero.



Alexandre Correia

Educação financeira e revisão dos gastos com supérfluos são fundamentais para evitar a inadimplência

Inadimplência cresce mais de 15% em 2015

Inflação, desemprego e alta na taxa de juros são os principais motivos para o aumento das dívidas dos brasileiros

ALEXANDRE CORREIA

A inadimplência do consumidor alcançou o número expressivo de 16,9%, segundo o indicador do Serasa Experian. Quatro em cada dez brasileiros estão com suas contas atrasadas. O número é o mais alto registrado dos últimos 4 anos.

Segundo o especialista em finanças pessoais, André Massaro, a alta no número de brasileiros que se encontram em situação de dívidas em atraso, principalmente neste ano de 2015, é reflexo do cenário econômico do país versus o acesso ao crédito ocorrido na última década. “A imaturidade do brasileiro em utilizar o crédito de forma consciente e a cenário político e econômico bastante adverso projetam um ano bastante desafiador para a economia brasileira. A chamada crise reflete o aumento da inadimplência do consumidor”, explica.

Especialistas são categóricos em afirmar que um dos pontos fundamentais, para que uma grande parcela da população brasileira esteja em situação negativa

de crédito é a volta assustadora do desemprego. Até há alguns anos se falava muito em “pleno emprego” e “apagão da mão de obra”, mas, aparentemente, o desemprego tem aumentado e cada vez mais difícil se recolocar. Com isso, o fluxo de receitas de muitas pessoas é interrompido e, a esses, muitas vezes, não há outra opção

a não ser deixar de pagar suas contas, o chamado “calote”.

“Vejo uma enorme correlação entre o aumento de pessoas inadimplentes e o aumento do desemprego. O cenário tende a piorar com um aprofundamento da crise, e deveremos ver isso refletido nos números de inadimplência”, destaca André.

Use seu 13º para começar 2016 no azul

1) Negocie antes de queimar o 13º - Se a dívida for muito alta, o 13º salário pode não fazer nem cócegas. Se o dinheiro não cobrir a dívida toda, com o efeito dos juros compostos, esta tende a crescer de novo e o benefício pode ter sido usado em vão. Renegocie com seus credores a redução dessa dívida antes de pagar.

2) Sacrifique os presentes e quite suas dívidas - Geralmente no final de ano nos sentimos mais tentados a gastar, porém, com juros altos, as dívidas sempre têm um caráter de urgência maior. Combine com a família um Natal alternativo e gaste menos.

3) Se o benefício for alto, aproveite para abater parcelas de financiamentos - Antecipe parcelas de financiamento de imóveis, carros. Porém, cuidado se o orçamento estiver apertado e for preciso usar o 13º para pagar despesas do início do ano (IPVA, IPTU, material e matrícula escolar). Não vale a pena abater parte do financiamento para depois contrair novas dívidas.

4) Comece um investimento - Como a meta é mudar a vida financeira em 2016, as aplicações devem vir antes das compras. A chamada reserva de emergência é uma espécie de poupança que possui o equivalente a pelo menos seis meses da sua renda e serve para cobrir situações extraordinárias, como a perda do emprego ou um problema de saúde na família.

5) Consuma com inteligência - Serve para quem está com a vida financeira organizada ou não. As celebrações não podem ser confundidas com uma oportunidade para o consumo desenfreado. Planejamento para as compras é a palavra-chave, o que significa se antecipar e pesquisar muito, negociar, pedir descontos.

Via-crúcis do devedor

O professor e especialista de investimentos Mauro Calil acredita que maior dificuldade do inadimplente para quitar suas dívidas está no fato de que estes não têm acesso a linhas de crédito mais baratas.

O representante comercial Antonio dos Santos, 45, insere-se nesta parcela. Ciente das enormes dívidas que possui, procurou seus credores, a fim de negociar o pagamento. “Chego ao banco e o gerente me apresenta uma proposta com juros tão altos que prefiro continuar devedor”. Ele se declara um comprador compulsivo. “Sei que estou devendo, mas continuo comprando, até quando eles liberarem. Depois vejo o que faço para pagar”, finaliza.

André Massaro nomeia a situação de carma financeiro ruim. “As operações de crédito são baseadas, fundamentalmente, na crença e confiança de que a pessoa não vai deixar de cumprir seus compromissos. Quando um devedor falha, fica um estigma e as pessoas e credores perdem a confiança”, finaliza.

Educação financeira

O primeiro passo para lidar com a crise em que o país se encontra é manter-se empregado, com fonte de renda. Em seguida ter consciência de seus gastos e procurar diminuí-los, e por último, e mais importante, não fazer dívidas ou fazer somente em casos extremos.

O consumidor deve mais do que nunca adotar uma postura crítica e defensiva. Crítica no sentido de sempre se questionar

se aquele consumo é realmente necessário. Defensiva no sentido de buscar as melhores condições de pagamento e, sempre que possível, evitar contrair dívidas.

A secretária executiva Jaina Tavares, 30, adotou uma postura radical para poder passar por esta fase sem problemas financeiros. “Sou uma pessoa controlada. Prefiro não ter dívida nenhuma, principalmente agora que estou desempregada”. Sem saber ao certo por quanto tempo ficará nesta situação, ela preferiu bloquear os cartões de crédito e só compra aquilo que pode e é realmente necessário.

Ampliar as ações de educação financeira, especialmente em direção às camadas mais pobres da sociedade, é algo absolutamente necessário, para a própria segurança e bem-estar dessas pessoas. É fundamental uma mudança de postura desta população diante de cenários econômicos, como este, que vive o país, atualmente.

“Vejo a educação financeira como algo fundamental. O mundo está se tornando financeiramente mais complexo. Muitas transações do dia a dia, que eram consideradas simples, hoje exigem um conhecimento de finanças muito mais elaborado”, argumenta Massaro.

A mudança de mentalidade - pensar a longo prazo - é a maneira que muitos economistas entendem como a melhor para uma saúde financeira satisfatória e equilibrada para sempre, longe de dívidas vencidas e, com o tempo, impagáveis.

Crédito na praça

“Liste quais são seus credores, tamanho da dívida, seus juros e prazos. Depois, verifique sua capacidade de pagamento. Inclua nesta conta coisas que podem ser vendidas como uma esteira, bicicleta sem uso, livros, discos usados, enfim, tudo aquilo que é supérfluo e que você não está usando. Com estes números vá à negociação com os credores”, enumera Mauro Calil, como algumas das formas para começar a se libertar das dívidas.

Como consultor financeiro, Massaro não hesita em recomendar a seus clientes que sacrifiquem presentes e festividades de final de ano caso a situação financeira não esteja em ordem.

O consumidor precisa ter em mente que as dívidas não são o verdadeiro problema. O verdadeiro problema é o desequilíbrio financeiro (gastar mais do que ganha) e tentar manter um padrão de vida economicamente insustentável para sua capacidade de pagamento.

As dívidas são mera consequência. É preciso tratar a causa do problema, e não suas consequências. Partir para a renegociação sem antes descobrir e sanar as causas do endividamento só servirá para empurrar o problema com a barriga, pois rapidamente a pessoa estará endividada de novo.

Poço artesiano ajuda a economizar água

Escassez está longe de sair do cenário de preocupação dos paulistanos



Marly Galindo

Desde a fundação, a Faculdade Paulus conta com poço artesiano para abastecer as instalações

Ônibus da madrugada é bem recebido

Implementado no começo do ano, programa de transporte vem ganhando adeptos

MARCEL MARTINS

Da janela do ônibus Luciano Tadeu observa a rua. Está indo trabalhar, como outros tantos passageiros ali. Carregador no Mercado Municipal, a viagem seria como tantas outras rotineiras se não fosse por um detalhe: eram 3h da manhã. Luciano é usuário da linha N301-11, que sai do Term. A. E. Carvalho em direção ao Term. Pq. D. Pedro II.

Desde fevereiro de 2015 circulam pela cidade mais de 150 linhas especiais, que funcionam entre 0h e 4h da manhã. É a rede de ônibus da madrugada, conhecido como Noturno. Com intervalos de 15 e 30 minutos, elas atendem os mais diversos pontos da cidade, ligando terminais e bairros da periferia. O programa ainda conta com carros percorrendo o trajeto do metrô da cidade.

Entre o trabalho e o lazer

Segundo dados da SPTrans, houve um aumento de 23% na quantidade de usuários do sistema. Casos como o de Luciano são os mais comuns. Trabalhadores na faixa dos 30 anos, em sua grande maioria funcionários de bares, restaurantes e de regiões com comércio funcionando logo cedo, como o Mercado e a feirinha da madrugada do Brás. Alguns carros chegam a totalizar 70 pessoas em suas três viagens. Outros, como o Term. Pinheiros que parte do centro é usado mais por quem transitam entre a região e a Avenida Paulista.

Já aos finais de semana o fluxo de passageiros cresce, conforme a clientela dos bares. A Associação Brasileira de Bares e Restaurantes estima um crescimento de 15% no número de clientes e considera a iniciativa

uma forma de compensar a perda tida com a Lei Seca. O músico Diogo Casemiro, 27, é um exemplo. “Antes a única opção era pegar um taxi ou esperar o metrô abrir.”, comenta. “Aos poucos as pessoas vão adotando essa alternativa de transporte público”.

Mais humano

A cada passageiro um “Bom dia!” é dito. Uma parte inclusive é tratada pelo nome. Essa é a perspectiva do cobrador Sergio Sá, 41. Ex-segurança, hoje ele prefere trabalhar nas linhas noturnas do que nas diurnas. “Como são menos passageiros e sempre os mesmos todo mundo se conhece e se cumprimenta. A gente até para fora do ponto para ficar mais próximo para o pessoal.”

Contudo nem todos os motoristas são tão solidários. “Al-

MARLY GALINDO

Ainda se conservam na memória as dificuldades da falta do precioso líquido ocorridas no semestre passado. O lema “Sabendo usar não vai faltar” está por toda parte: nas lojas, nos elevadores dos condomínios e nas diferentes instituições. Com muito esforço, o cidadão, somado à atuação governamental, passou pelo período crítico. Foram muitas as ações para reduzir o consumo de água, como estratégias educativas e de convencimento da população.

Além do banho rápido, da torneira fechada na escovação dentária e do ensaboar de toda a louça antes do enxágue e ainda há as opções coletivas. Desde 2013, especialistas alertam ser temerário confiar na recuperação dos reservatórios apostando em São Pedro. O Estado de São Paulo enfrentou quatro anos seguidos de seca e pôs em prática um conjunto de medidas que inclui distribuição gratuita de medidores individuais de água para condomínios e multas por desperdícios.

A atuação dos síndicos dos condomínios na busca por poços artesianos é um exemplo. A economia na conta de água e a rapidez da obra despertam o interesse de muitos locais para a utilização dessa alternativa no sistema de abastecimento. Os poços artesianos podem ter profundidade de 100 a 1500 metros, enquanto poços comuns (também chamados cisternas ou cacimbas) dificilmente têm mais de 20 metros. O artesiano tem

vazão de água até mil vezes superior que o comum. A vida útil fica por volta dos 40 anos. Para a perfuração, necessita-se de uma área de 7 metros de largura por 25 de comprimento. É perfurado com máquinas, por empresa especializada. O custo aumentará quanto mais fundo for o poço.

A água dos poços artesianos requer menos produtos químicos para seu tratamento do que a água captada de mananciais, na maioria das vezes muito poluída. Em um grande condomínio, que compreende um complexo com onze prédios a conta mensal caiu de R\$10600 para R\$ 4500 reais. O condomínio estuda agora a abertura de mais poços artesianos.

A FAPCOM conta com esse recurso desde sua fundação. A escola tem dois poços que torna possível o consumo de água para a higienização de todas as suas instalações. O custo de poços artesianos subiu na Grande São Paulo após o equipamento virar alternativa para a falta d'água. Vários condomínios, apesar do alto custo, têm planos para a abertura de poço artesiano como medida para enfrentar a crise hídrica.

As medidas contam com a supervisão e autorização do Departamento de Águas e Energia elétrica do Estado de São Paulo. Os sistemas prediais ainda podem melhorar o desempenho da economia de água, aplicando o uso racional, a cultura do não desperdício e a tecnologia. Já a economia feita com a água de reuso necessita um controle permanente, para evitar contaminação e prejuízo à saúde dos moradores.



As primeiras linhas do “Noturno” começaram a circular em 2015

guns não gostam de parar, às vezes por medo. Já teve dois casos de amigo nosso tendo o carro assaltado. Apesar disso é bem tranquilo.”, completa Sergio. A segurança realmente é um fator contrastante. Nos terminais existe policiamento e os corredores são bem iluminados. Porém nos bairros mais afastados os pontos são desertos e escuros.

Outro problema é a falta de sinalização. Nos terminais

é comum as linhas noturnas e diurnas se misturarem durante o começo e o fim da operação, e é preciso pedir informações aos fiscais para não acabar embarcando no carro errado.

Mesmo assim, pode-se dizer que o programa funciona bem. Hoje é possível atravessar a cidade em literalmente qualquer horário, seja pela necessidade do trabalho, ou para deixar o carro em casa e tomar a cerveja do fim de semana.

Tecnologia a serviço dos deficientes visuais

Softwares e aplicativos são novidades para atividades do dia a dia

RAMIRES DE ANDRADE

Novos programas tecnológicos ajudam no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual. Encontram-se no mercado programas que possibilitam o acesso da pessoa com deficiência visual a um maior contato com mais pessoas e ou com o mundo.

Um exemplo é o Virtual Vision. Ele oferece às pessoas com deficiência visual meios para que elas possam utilizar com autonomia o Windows, o Office, o Internet Explorer e outros aplicativos, através da leitura dos menus e telas desses programas por um sintetizador de voz.

A navegação é realizada por meio de um teclado comum e o som é emitido por uma placa de som presente no computador. O Virtual Vision também acessa o conteúdo presente na Internet por meio de leitura de páginas inteiras.

Ferramentas

Algumas instituições em São Paulo trabalham especificamente com a educação e a integração das pessoas com deficiência visual na sociedade, como a Fundação Dorina Nowill, Associação de deficientes visuais e amigos e o Instituto Padre Chico. A professora, Luciana Ruiz do Instituto de cegos Padre Chico, ressalta que “as novas tecnologias são eficazes e abrem um novo horizonte na relação das pessoas com deficiência com a sociedade”.

Márcio Spoladore do instituto Adeva, explica, “a entidade é especializada no ensino de informática para pessoas com deficiência visual. Temos três laboratórios de informática, cada uma das salas possui onze computadores comuns equipados com softwares leitores de telas, sendo os mais

Instituições de apoio ao deficiente visual:

- <http://www.saudevisual.com.br/624-apps-acessiveis>
- <http://www.adeva.org.br/>
- <http://www.fundacaodorina.org.br/>
- <http://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2015/04/cinco-tecnologias-para-ajudar-pessoas-com-deficiencia-visual.html>

populares o “Jaws”, “Virtual Vision” e o “NVDA”. Os celulares também são utilizados com softwares leitores, sendo o mais comum o talkibeck que já vem junto com o aparelho Motorola Moto E ou Moto G, é só instalar. Para utilização de Tablets, o recurso é igual ao dos celulares”.

Com intenção de formar multiplicadores e capacitar profissionais para o uso da ferramenta Virtual Vision, a MicroPower disponibiliza gratuitamente um curso online, através de vídeo-aulas, que podem ser acessadas de qualquer dispositivo.

Um outro exemplo é o do inventor Hans Jorgen Wiberg, que criou o Be My Eyes, um aplicativo gratuito desenvolvido em Copenhague. Ele diz que a ideia original era que as pessoas cegas utilizassem o app principalmente em casa, onde há muitas coisas que precisam ser vistas e uma boa

conexão por wi-fi. Mas Wiberg disse à BBC que os usuários estão usando o aplicativo em outras situações também: “As pessoas usam quando eles vão a algum lugar de ônibus e, ao sair, não encontram a entrada do prédio. Usam o Be My Eyes para vencer esses últimos 20 metros”, explica.

Esta é uma experiência que tem aproximado mais as pessoas com deficiência do convívio social. O deficiente visual é beneficiado pelos avanços tecnológicos, no entanto, algumas tecnologias ainda não estão totalmente disponíveis para todos. São necessários

aparelhos celulares com versões modernas e compatíveis para baixar os programas. Há pouco incentivo do governo, e as iniciativas são quase sempre com dinheiro privado, de bancos e institutos especializados na educação e acompanhamento da pessoa com deficiência visual.

“Novas tecnologias são eficazes e abrem um novo horizonte na relação das pessoas com deficiência com a sociedade”

Luciana Ruiz,
professora do Instituto Padre Chico



Além dos softwares já consolidados, novos aplicativos facilitam o aprendizado

Financiamento coletivo surge como alternativa no meio da crise

Com alta no segmento, o conceito de crowdfunding atrai mais usuários

WILLIAM GEORGES

Crowdfunding, termo inglês para financiamento coletivo, é uma das novas medidas adotadas por empreendedores no Brasil. Serviço que é disponibilizado desde 2011, contabiliza um aumento no número de adeptos que desenvolvem projetos, e de usuários que os apoiam.

A ideia do financiamento coletivo já é comum no Brasil. A popular “vaquinha” consegue reunir em um breve período de tempo uma quantidade de dinheiro destinada a algum objetivo. O crowdfunding surge para profissionalizar e incrementar este conceito, através de sites especializados, é possível você mesmo criar seu próprio projeto. Para a medida funcionar basta ser convincente e ofertar algo digno para seus apoiadores.

Através de um projeto convincente, fica a critério do próprio idealizador estipular o valor total que deverá ser arrecadado, passado o tempo da campanha, são desenvolvidas, então, formas de recompensar a pessoa que ajudou o projeto a ser concluído. Mas um adendo, se acaso o montante não é alcançado em seu total, o valor que foi doado volta para o apoiador.

Existem hoje, no Brasil, mais de 30 plataformas que realizam este tipo de serviço,

por serem segmentadas, é possível encontrar projetos filantrópicos, desenvolvimento de novas tecnologias, produções audiovisuais, criação de startups, em suma, existe espaço para todos dentro do financiamento coletivo, tanto é, que os números da técnica impressionam. Segundo a Massolution, empresa americana pesquisadora do segmento, no ano de 2015 a previsão de arrecadação é acima de 34 bilhões de dólares para campanhas.

No mercado nacional ainda existe certa desconfiança no modelo, porém para Felipe Caruso, coordenador de comunicação do Catarse, quanto mais claro e transparente o realizador do projeto for, maiores são as chances de o projeto sair do papel. Ele passou ainda um dos projetos de maior sucesso que o site já teve. Idealizado há mais de 10 anos pelo arquiteto Marcio de Oliveira, o projeto “Molas”, trouxe um sistema de maquetes com molas que serve o engenheiro testar a estrutura da construção antes de finalizar a planta.

O projeto do arquiteto deu tão certo que dos 50 mil reais iniciais, foram arrecadados em sessenta dias de campanha mais de 600 mil reais, valor que serviu para entregar kits para todos os financiadores e investir na própria empresa de Marcio.

Suicídio juvenil precisa deixar de ser tabu

Segundo Organização Mundial de Saúde(OMS), tirar a própria vida já é a segunda principal causa da morte em todo mundo para pessoas de 15 a 29 anos

LETÍCIA PONTES

“A janela gritava meu nome!”. É assim que a estudante de comunicação, Maria*, 21, que tem depressão e ansiedade há oito anos, sintetiza a pior crise que já teve em sua vida.

O suicídio, na maioria dos casos conectado a quadros de depressão, hoje é considerado um problema de saúde pública.

No Brasil, baseado em dados do Sistema de Mortalidade Data-sus, entre os anos de 1996 e 2012, o número de suicídios por depressão cresceu em uma porcentagem assustadora, 705%. Um brasileiro tira sua própria vida a cada 45 minutos, segundo dados do Centro de Valorização da Vida (CVV).

Especialistas afirmam que o número está relacionado ao aumento das notificações -o assunto é mais discutido- e de casos de depressão. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão afeta 350 milhões de pessoas em todo o mundo. Em 2030 será a doença mais comum do planeta.

A depressão é um transtorno psicológico que atinge todas as faixas etárias, de crianças a idosos.

Nesse grupo também encontramos os jovens. Em uma fase de constantes transformações comportamentais, mentais e emocionais, vivenciam com grande impacto os sintomas da doença como alterações de apetite e sono, falta de libido, desânimo e muito cansaço. Há uma perda de interesse pelos assuntos que até então interessavam,



e isso afeta direta e intensamente a vida dos jovens.

Diante disso ainda há um agravamento por causa do estresse comum das grandes metrópoles, o deslocamento diário no transporte público, pressão e desafios do primeiro emprego e relações interpessoais delicadas.

O depressivo, se apresentar esses sintomas, precisa de ajuda dos médicos para iniciar o tratamento adequado.

Tratamento

O psiquiatra Leonardo Maranhão explica que, em uma psicoterapia, o terapeuta tem a função de “espelho”, ou seja, fazer o paciente entender os sintomas internalizantes que é incapaz de perceber sozinho.

“Quando os transtornos do

dia a dia começam a atrapalhar muito a vida do indivíduo, isso pode evoluir para algo patológico”, explica o psiquiatra.

Além das previsões não serem otimistas, Leonardo Maranhão afirma que pacientes cada vez mais jovens estão procurando seu consultório, pois a doença leva o depressivo a se privar da própria vida, evitar situações corriqueiras e até sentir a necessidade de isolamento.

Maria* se trata desde os 13 anos, com remédios controlados, os antidepressivos e ansiolíticos (calmantes), e se entristece com os obstáculos causados pela doença. “O que mais me incomoda é que as pessoas que não tem depressão ou transtornos psicológicos conseguem fazer com facilidade as coisas que eu tenho uma dificuldade imen-

sa de fazer”, conta a estudante.

Um exemplo disso é o bloqueio ao se expor ao público. “Não consigo falar na aula. Quando há muitas pessoas me olhando eu tenho vontade de chorar e sair correndo”, desabafa Maria*.

A jovem sente que a doença afeta muito suas relações com as pessoas, pois ela não se sente incluída e sente a necessidade de se afastar sempre que percebe que está criando vínculos de amizade, no estágio e até em relações amorosas. “Quando meus amigos estão rindo, eu não me sinto parte daquilo”, confessa a jovem.

A estudante conta que a pior crise de depressão que teve durou alguns meses e trouxe muitos transtornos a sua vida. “Era como se tivesse uma tonelada em cima de mim. Não conseguia levantar da cama e tudo que eu tinha que fazer precisava de um esforço muito maior. Eu não tinha isso!”, disse a jovem que, por não conseguir mais frequentar as aulas, reprovou em todas as disciplinas do semestre na faculdade onde é bolsista.

Felizmente, Maria* conseguiu uma segunda chance após apresentar os laudos médicos que confirmavam o quadro clínico depressivo e ansioso. A faculdade permitiu que ela refizesse o semestre em questão.

Hoje, Maria* consegue controlar os sintomas da doença e comemora o fim do pior período de sua vida.

O caso de Débora Moscardini é um pouco diferente. Na época em que foi diagnosticada

com depressão, a jornalista estava no último ano da faculdade.

Com o grau mais sério da doença, que a fez desenvolver síndrome do pânico, transtornos de ansiedade, insônia e até convulsões, a jovem parou de frequentar as aulas no último semestre do curso, foi afastada do trabalho e viveu uma série de mudanças em sua vida.

A família, apesar de apoiá-la, não compreende bem a doença. A maioria de seus amigos, deixaram-na de lado no período mais devastador de sua vida.

“Os amigos, que eram 20, 25, se reduziram a 3. Ninguém quer segurar a barra com você”, confidencia.

“A depressão é um círculo de coisas ruins que vão te colocando cada vez mais para baixo”, desabafa a jornalista.

Débora trata os transtornos há dois anos com visitas mensais ao psiquiatra e quinzenais ao psicólogo. Além disso, toma sete medicamentos todos os dias.

“O suicídio, que antes era um tabu para mim, passou a não ser mais. Eu não quis me matar, mas eu queria morrer”, revela Débora. Chegou a misturar comprimidos, automutilar e atravessar ruas com o farol fechado para pedestres.

Se precisar de Ajuda ligue para o telefone 141 e converse com um voluntário do Centro de Valorização da vida. A ligação é anônima, sigilosa e não há julgamentos.

*O nome foi trocado para preservar a identidade da fonte.

Velho problema e novo público: a relação abusiva do álcool entre jovens

VALÉRIA SOARES

O problema do alcoolismo tem dados alarmantes e atinge 12% da população adulta no Brasil. Mas essa preocupação não é exclusiva entre adultos: os jovens estão cada vez mais expostos a essa realidade. Conforme pesquisa realizada em 2010 pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), 52% da população faz uso de bebidas alcoólicas. A maior quantidade e frequência é entre o público de 18 a 24 anos.

Segundo Bruna*, monitora no grupo de Alcoólicos Anônimos, a recorrência de jovens aumentou nos últimos anos. “Os adultos temem que os filhos sigam o mesmo caminho, pois, de acordo com os especialistas no assunto, os filhos de alcoólicos chegam a ter 50% de chances de desenvolverem a doença através da hereditariedade.” O alcoolis-

A cada 36 horas um jovem brasileiro morre de algum problema ligado ao consumo exagerado de bebida alcoólica

mo é uma doença sem cura, mas que pode ser controlado com orientações médicas.

Conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), há uma cultura de consumo de álcool na América Latina, criando um problema de saúde pública. Nessa região, a população geral consome em média 8,4 litros de álcool puro por ano -2,2 litros a mais do que a média mundial.

A nutricionista Adélia Douardo explica os danos causados em longo prazo no corpo. “Ao ingerir o álcool de forma abusiva doenças como cirrose hepática, pancreatite e deficiência de vitamina B1 podem surgir. A cirrose pode ser fatal ou ainda levar ao câncer. É de suma im-

portância ter consciência que o consumo em curto prazo também traz malefícios ao corpo”.

O Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), aponta que, entre 2006 e 2012, mais de duas a cada dez tentativas de suicídio estão relacionadas ao uso de álcool. Atualmente, 78% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos bebem regularmente, sendo em sua maior parte mulheres, e 19% dos jovens já são dependentes do álcool.

Geralmente, o exemplo para o início do consumo começa em casa ou em lugares de grande aglomeração de jovens, como o ambiente acadêmico e vem, em sua maior parte, acompanhado

por outras substâncias. Luís* é garçom em um movimentado bar na região da Vila Mariana, bairro tipicamente jovem, devido aos vários centros universitários, e revela: “Eles estão sempre em grupos grandes e não se importam se depois tem aula ou não.”

O álcool também é considerado uma droga, sendo assim, é responsável por 90% das mortes associadas às drogas. O álcool é o maior responsável pelas mortes de jovens entre 15 e 19 anos, portanto, mata mais do que drogas ilícitas.

Tratamento

Aconselha-se que o tratamento seja diverso e não so-

mente para o dependente: a interação de parentes e amigos é fundamental na hora da recuperação. Outra medida fundamental é ter uma equipe de profissionais auxiliando.

A Senad abre cadastro ao público para Centros de Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas (CAPSAd), hospitais, universidades, clínicas particulares, comunidades terapêuticas e grupos de autoajuda, entre outras instituições de assistência ao dependente de álcool. O cadastro pode ser feito pela internet.

Existem diversos grupos de Alcoólicos Anônimos espalhados por São Paulo. Tais comunidades visam à troca de experiências e resistência contra o vício, porque acreditam que uma pessoa que já foi alcoólatra pode ter recaída, por isso o acompanhamento em longo prazo.

Fernanda Andrade



Além dos youtubers, os booktubers também ganham projeção no cenário tecnológico

Quando o assunto é tecnologia e inovação, uma palavra vem à nossa mente: internet. E se for para falar sobre internet, falemos de YouTube.

FERNANDA ANDRADE

A rede social que acaba de completar 10 anos é a segunda mais utilizada no mundo todo, com cerca de 1 bilhão de novos usuários todo mês. E isso não poderia ser diferente no Brasil, um dos cinco países que mais utiliza a plataforma, contando com cerca de 2,6 milhões de usuários.

Parte desse sucesso deve-se ao número crescente de pessoas que utilizam a rede como algo bem mais sério e complexo do que apenas um lugar para assistir vídeos: Os chamados “YouTubers”. Pessoas que têm algo a dizer, são carismáticas e não se intimidam em frente às câmeras.

O que antes poderia ser considerado algo possível apenas em filmes como “De Volta Para o Futuro”, aos chamados “Geração X” (pessoas que nasceram entre as décadas de 60 e 70), hoje em dia é fonte de renda de mais de 1 milhão de usuários da rede, que estão distribuídos em dezenas de países.

Isso acontece a partir da postagem de vídeos que, após monetização (geração de renda por um veículo, através da exposição de anúncios), propiciam lucro ao dono do canal em questão. Esse lucro leva em conta o número de visualizações, comentários e curtidas de determinado vídeo. A cada mil views, o dono do canal embolsa em média US\$ 6,30, segundo dados de 2014 do TubeMogul.

Outro fator relevante é o nú-

mero de inscritos no canal, fazendo com que seu proprietário possa se tornar reconhecido e famoso, tanto quanto um rockstar com anos de estrada. Exemplos disso são os humoristas do canal Porta dos Fundos, com mais de 10 milhões de inscritos; Felipe Castanhari e seu Canal Nostalgia, com aproximadamente 4 milhões de assinantes, e Kéfera Buchmann, do canal Cinco Minutos, com seus mais de 5 milhões de fãs.

Em sua maioria, os que mais fazem sucesso expõem suas ideias na rede social são jovens entre 20 e 30 anos, capazes de arastar milhões de seguidores, tanto na plataforma quanto em suas redes sociais pessoais. A liberdade dos assuntos é um grande atrativo, fazendo com que, a cada dia que passa, um novo tema seja colocado em pauta.

Um exemplo disso é a jornalista e BookTuber (nome dado àqueles que falam sobre livros em seus vídeos) do canal Cabine Literária, Tatiany Leite, de 23 anos. Tatiany é uma dos seis integrantes do canal que tem mais de 115 mil inscritos e foi criado em 2010 por Danilo Leonardi. Além disso, faz participações mensais no canal da blogueira Giovanna Ferrarezi (o Radioactive Unicorns) falando sobre o mesmo assunto, além de ter seu próprio canal, o MIMIMI.

A paulistana sempre teve um relacionamento próximo com blogs, e criou o “Vá Ler Um Livro”, em parceria com antiga MTV Brasil. Mas foi apenas quando conheceu Danilo que es-

treitou laços com o YouTube, que ela já conhecia e encarava como a rede social do futuro, mas que ainda não dominava. “Eu nunca sofri muito com preconceito, (em ser vlogger) por já explicar anteriormente para as pessoas todo um contexto [...] E uma coisa engraçada é que as pessoas têm menos preconceito quando eu falo que trabalho com um canal de literatura”, afirma Tatiany.

“Eu sempre perdi, ou melhor, ganhei muitas horas da minha vida assistindo todos os canais possíveis do YouTube. Tanto é que foi por isso que eu fui contratada”, conta a jornalista, que hoje trabalha no YouTube Space Brasil, em São Paulo.

Fama

Quando o assunto é a fama na rede social, algo tão almejado por muitos da atualidade, Tatiany é categórica. “Isso sempre existiu, as pessoas sempre ansiaram para ser algo. Antes havia a ansia para ser do BBB e ficar famoso, ou participar de uma novela da Globo. As pessoas pensam “se esse cara conseguiu por que eu não vou conseguir?” E agora calhou que é a vez desse pensamento acontecer no YouTube e eu gosto disso”.

Enquanto isso, de seu quarto em Denver – Colorado, Michelle Alves, de 21 anos, relata seu dia a dia como Au Pair (programa de intercâmbio onde a garota mora legalmente no país, sendo babá) nos Estados Unidos através dos

vídeos que posta em seu canal, que leva o mesmo nome de seu blog, o Cabide Colorido.

A publicitária com quase 50 mil inscritos em seu canal, já divide sua experiência com o público há mais de um ano e relata que não esperava fazer o sucesso que faz, muito menos ser a referência que é para tantas pessoas que têm a vontade de entrar no programa de Au Pair. “Eu nunca esperei que isso acontecesse, gravei e publiquei os vídeos para ajudar e me ajudar, porque na época muitas meninas mandavam e-mail perguntando, e aí eu pensei “vou gravar e assim respondo todas essas perguntas de uma só vez!””, diz Michelle.

Ela propõe sua sinceridade como ponto chave para o sucesso. “Acredito que o que chamou a atenção (do público) foi justamente eu mostrar tudo sobre minha rotina e ser sempre muito sincera quando falo sobre o intercâmbio. Tem pessoas que só falam mal do programa, já outras que não colocam nenhum defeito, e eu sempre falei do que eu realmente achava e não precisei montar nenhum personagem para falar sobre isso”, relata.

Há aqueles que, com tantos exemplos de sucesso, decidiram há pouco tempo entrar para a lista de YouTubers do site. Entre eles está João Bertoni Pezzato, de 20 anos, que, mesmo ainda com poucos inscritos em seu canal (um pouco mais de 2 mil), chama atenção pelos temas que aborda.

Ao tratar de assuntos que

quase ninguém pensa – como motivos pelos quais devemos parar de seguir padrões sociais e até mesmo como começar a enxergar nossa opinião como algo que importa – João afirma que sua chegada no YouTube foi gradual.

“Desde que comecei a utilizar minhas redes sociais, principalmente o Instagram, me senti à vontade para espalhar aquilo que acreditava [...] A partir daí a audiência aumentou de tal forma que pensei “como posso deixar isso ainda mais próximo dessas pessoas que me acompanham e parecem apreciar tanto essa pegada motivacional?”, afirma.

João observa que, após isso, com auxílio de amigos, a ideia de migrar para o YouTube e ter seu próprio canal saltou aos olhos como uma oportunidade. “Com certeza o maior incentivo foi perceber que, atualmente, não são muitos canais que apostam nesse tipo de conteúdo. A maioria fala sobre coisas engraçadas do cotidiano, mas poucos têm o objetivo de impactar e causar alguma mudança”, complementa ele, sobre seu projeto.

Sobre a repercussão, ele afirma que tenta sempre lembrar que não há como agradar a todos e se agarra em pessoas que sabem e acreditam no real intuito por trás de seu projeto. “Acho que a partir do momento em que a gente decide se expor na Internet é como dar a cara a bater, né? Claro que é muito legal receber retornos super positivos, mas é ainda mais crucial estar preparado para as críticas (construtivas e destrutivas)”, adiciona João.

Mesmo que a maioria de canais da plataforma seja voltado para temas como beleza, dia a dia (os chamados vlogs) e comédia, a multiplicidade de conteúdos publicados diariamente na rede social é gritante. Pessoas que começaram com vídeos caseiros hoje têm suas próprias empresas e arrecadam fortunas, como é o caso do YouTuber Felipe Neto e sua criação, a Paramaker – primeira network do mundo focada nos videomakers, nascida e estabelecida no Brasil e que registrou o faturamento de R\$ 8 milhões, em 2014 –, vendida há poucos meses para a multinacional francesa Webedia.

A expectativa do YouTube é de ainda mais crescimento. A rede social, que conta com números de muita expressão com relação à publicidade e uso da plataforma em dispositivos móveis, por exemplo, acredita sempre na expansão. Prova disso foi a escolha de duas das sedes dos “YouTube Space”, aqui no Brasil.

Há, então, uma “migração da tela” na procura de entretenimento? Algo é fácil de se afirmar: logo o público ouvirá a frase “se você gostou desse vídeo, clique em gostei e não se esqueça de se inscrever no canal”, saindo das telinhas, com tanta recorrência quanto ouve “voltamos logo após os comerciais... não mudem de canal”, que sai há décadas das telonas.

O cinema nacional além da comédia

“Que Horas Ela Volta?” disputará por uma vaga no Oscar 2016

GUILHERME GARCIA

No ano de 2013, os três filmes nacionais com maior bilheteria foram respectivamente: “Minha Mãe É Uma Peça”, “Meu Passado Me Condena” e “Vai Que Da Certo”, todos do gênero comédia. O primeiro da lista, protagonizado por Paulo Gustavo e dirigido por André Pellenz, teve aproximadamente 4,5 milhões de espectadores, arrecadando mais de R\$49 milhões.

Em 2014, os seis filmes nacionais de maior sucesso foram comédias, sendo “Até Que A Morte Nos Separe 2” e “O Candidato Honesto” os dois com maiores bilheterias no ano. Ambos foram estrelados pelo ator Leandro Hassum, e tiveram juntos um público de mais de 5 milhões de espectadores.

Todos esses dados podem ser consultados em diversos sites sobre cinema e cultura, e demonstram a clara dificuldade que os filmes independentes e de outros gêneros, além da comédia, encontram para atingir o grande público.

O cineasta Fernando Meirelles, em entrevista para a Trip Tv, falou sobre a dificuldade de pro-

duzir longas atualmente no Brasil. “Filme pequeno não tem mais espaço. Os filmes que têm o espaço são os filmes eventos”, afirma. Ele ainda diz que as grandes companhias, e cita a Marvel como exemplo, tem como objetivo a venda de produtos relacionados aos temas dos filmes, como jogos de videogame.

“Sempre é mais difícil fazer um conteúdo que não vai de interesse ao que vende ingresso. O cinema é uma arte esquizofrênica, porque ele é arte e indústria ao mesmo tempo”, avalia Luiz Bolognesi, em entrevista à Trip. O cineasta ainda diz não gostar das comédias brasileiras, mas opina dizendo que o cinema autoral brasileiro está indo muito bem.

Vencedor como melhor ficção da Mostra Panorama no 65º Festival de Berlim, o filme “Que Horas Ela Volta?”, dirigido por Anna Muylaert, é um grande destaque no cinema nacional, e representará o Brasil na disputa por uma vaga no Oscar 2016. A trama aborda, de maneira simples, temas como a desigualdade social e o preconceito, contando com a atuação das atrizes Regina Cazé e Camila Márdila.



Filme “Que horas ela volta” debate desigualdade social no Brasil

O longa teve até então o número de bilheteria de quase 350 mil, e é considerado por muitos um dos melhores filmes de dramas nacionais dos últimos anos.

A estudante de biblioteconomia Beatriz Alves dos Santos, 19, se diz apaixonada por cinema nacional, e afirma não ter visto nenhuma outra produção recente que demonstrava tão eficientemente o problema social em que o Brasil se encontra. Ela ainda faz grandes elogios à atuação de Re-

gina Cazé, e à simplicidade com a qual a atriz interpretou a personagem Val.

A vendedora Camila Camparoto, 20, é viciada por filmes e séries americanas, e não tem o costume de assistir a filmes nacionais. Mesmo não tendo afinidade com o gênero, Camila opina ao dizer que as produções nacionais estão em processo de evolução e, para ela, o gênero de melhor no cinema nacional é a comédia, já que é o que recebe maior investimento

e alcança o público.

O futuro do cinema nacional e das produções independentes é incerto. A dificuldade em apresentar tramas com temas delicados e de cunho social é clara. Mas filmes como “Que Horas Ela Volta?”, “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” e “Trash - A Esperança Vem do Lixo” mostram que as produções desses gêneros tem sim suas qualidades, e representam o povo brasileiro, além das comédias.

A Invasão da Broadway no teatro brasileiro

ISABEL BRANQUINHA

O teatro é uma forma de expandir conhecimento e cultura, une o útil ao agradável, o ator ao seu templo e o público à descontração. Nada mais é do que a arte de contar histórias, de provocar sentimentos, de mostrar ações.

Atualmente, o Brasil tem o mercado de teatro musical quentíssimo, com inúmeras produções importadas da famosa Broadway, berço de ouro de tais espetáculos. E a atração do público não deixa dúvida de que os musicais chegaram para ficar e fazer do solo verde e amarelo um novo lar.

O sucesso de tais montagens vem desde a peça “Minha querida Lady” (My Fair Lady), interpretada por Bibi Ferreira e Paulo Autran em 1960, e mais tarde com “A Ópera do Malandro”, de 2003. Porém, as obras originalmente brasileiras têm ficado em segundo plano nesse cenário abafado de novidades.

Em novembro de 2015 começam as audições para mais um musical, agora o famoso “Wicked”, que traz a história não contada sobre a Bruxa Má



do Oeste, personagem da trama Mágico de Oz. A peça tem estreia prevista no Brasil para o primeiro semestre de 2016, e está há dez anos em cartaz no exterior, com grandes nomes passando pelo elenco, como a consagrada Idina Menzel (que interpretou a personagem principal - Elphaba), dona da voz da princesa Elsa de Frozen.

É fantástico que o teatro, seja musical ou não, tenha finalmente caído nas graças do povo, após anos sendo considerado de interesse elitizado. Contudo existe a escassez de espetáculos nacionais, o que pode estar

abalando a própria cultura, uma vez que nem as leis de incentivo fiscal conseguem dar prioridade a tramas tipicamente brasileiras.

Muitos desconhecem que o teatro musical não surgiu apenas na Broadway, mas aqui no Brasil com o teatro de revista, por volta das décadas de 20 e 30, com apresentações de números musicais com apelo à sensualidade e à comédia leve e críticas sociais e políticas, teve seu auge em meados do século XX.

Para alguns atores do ramo teatral, como a atriz Amanda Quintero, faltam produções nacionais menos industrializadas

e massificadas. “Acredito, também, que, aqui no Brasil, temos mais cantores-atores nos palcos do que o contrário, enquanto que lá fora, temos uma parcela de musicais da Broadway que possuem nomes de grandes atores-cantores como Al Pacino, Hugh Jackman e etc” diz.

Em 2015, já foram lançados mais de 12 espetáculos musicais, dentre eles os campeões de bilheteria: Raia 30; Nine - um musical feliniano; Chaplin - O musical; Chacrinha - O musical; S'imbora o musical - A História de Wilson Simonal, e o mais falado Mudança de Hábito. Entre esses tantos por acaso estão três que apesar de usarem das técnicas e de todo o glamour norte-americano ainda possuem narrativas que contam do Brasil e de seus personagens.

Sendo assim, não basta só o investimento, o público precisa se acostumar com as narrativas deles mesmos, não adianta entrar em cena com um “Bumba meu boi” e a plateia estar toda voltada para “A família Addams”, às vezes estas coisas levam muito tempo a acontecer assim como diz a atriz e blogueira Mari-moon, “Tem que lembrar que

estamos nesse ramo há pouco tempo e que as coisas evoluem aos poucos, Acho que em breve teremos uma boa quantidade de produções totalmente originais e nacionais porque temos ótimos autores e compositores!”

A Atriz que participou pela primeira vez de um musical em Fame (2012) ao lado de Klebber Toledo, ainda diz que nossa cultura folclórica é muito rica, que cada canto do Brasil tem uma história com instrumentos e figurinos típicos que com certeza ainda serão contadas e cantadas com muitas referências brasileiras e mundiais.

Portanto, fica claro que firmar seguidores para esta arte específica é difícil e um trabalho cansativo, mas precisa surgir de algum lugar, então que seja de tramas sobre personalidades “brazucas” que merecem suas trajetórias espalhadas pelos teatros de todo o país. Que o teatro ganhe mais território, firme raízes e conquiste o público. Que histórias ganhem vida nos palcos e personagens fiquem marcados na memória de todos. Que atores e atrizes brilhem e vivam o ócio de serem celebridades.

“Com frio e fome, a música era o que nos fazia continuar”

Assentamentos da Reforma Agrária manifestam na arte os medos e sonhos da vida no campo

VICTOR TINEO

“Não eram fáceis as noites de baixo da lona preta! De longe os jagunços ameaçavam com suas armas, de perto, o frio e a fome”, relata Ademir Chusque, pequeno agricultor do Paraná e atualmente morador de São Paulo. Segundo ele, acampamentos de Sem Terra usam a música para conseguir motivação e continuar na luta.

Para expor músicas as quais compuseram a resistência entre 1990 e 2000, os artistas camponeses gravaram a coletânea de músicas com letras que relatam situações de vida dos agricultores moradores de ocupações de terras durante os anos de maior repressão aos movimentos rurais, a construção coletiva chama de “Versando a Luta”.

São 22 músicas com histórias alegres, tristes, de luto, luta e esperança que marcam as marchas e festas de camponeses e camponesas.

Os músicos do álbum disseram que ao buscar obras clássicas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais



Assentamentos da Reforma Agrária reivindicam direitos por meio da música

Letra da música Tiro de fuzil

Ouço um tiro de fuzil
Escuto um gemido de dor
e fico daqui pensando:
Será dessa quem vez pagou?

Será que foram os Sem Terra
Que querem plantar nesse chão?
Ou será que foram os meninos,

Que vivem mendigando o pão?
Será que foram os meus amigos
Ou será que foram os meus irmãos?
E a gente acaba pagando
Por toda essa repressão

Liberdade,
Violência não!
Vamos acabar
Com a repressão!

Sem Terra) eles encontram toda a história da luta pela reforma agrária no Brasil. Os massacres de Corumbiara, em agosto 1995 e de Eldorado dos Carajás, abril de 1996, responsáveis pela morte de mais de 40 pessoas, estão entre os temas retratados na coletânea.

Guê Oliveira, percussio-

nista do grupo e membro do MST, acredita na importância do projeto e seu efeito em todas as gerações do movimento, “O nosso papel é deixar para nossos filhos o legado de lutadoras e lutadores. Perpetuar, através da música, a luta de todos e de cada um de nós”.

“Em épocas de intensa re-

pressão, o nosso grito de lamento e resistência vinha e, ainda vem através da canção”, salienta Levi de Souza, membro do setor cultural do movimento no Paraná, ele acredita que a música pode tirar as más impressões sobre o movimento. “É a cultura do nosso movimento, e é muito bela, é muito rica”, completou.

Chusque lembra momentos no qual a jornada pela terra estava composta por tanta dor e somente a música podia animar os trabalhadores. “Em um acampamento, já aconteceu de morrer uma, duas crianças de frio, porque estavam de baixo da lona preta. Como é que resiste?”, questiona. “Então a gente canta, canta pra espantar a tristeza, mas a gente também canta pra ficar feliz, cantamos pra comemorar tudo”, completou.

Coletividade

Enquanto cantava e ouvia as músicas, Levi editava os sons do novo disco. E de mãos em mãos o headphone passeava entre as cantoras e cantores, e eles aprovaram o resultado final.

“A produção coletiva é o melhor no movimento” ele explica, e toda a obra se tornou melhor e mais leve com a presença de membros que fizeram parte da história do movimento, como o diretor nacional, João Pedro Stédile, explicou Levi.

Na Escola Nacional Florestan Fernandes (Enff), a sala artística Frida Kahlo, em referência à mulher ícone da arte, do feminismo, e da resistência, foi o palco de parte das gravações e dos ensaios, organizado em roda de amigos, riam e cantavam juntos.

Todos do coral, formado por Sem Terra, concordam, apesar das dificuldades, eles estão criando um novo pedaço da história do MST e da luta pela reforma agrária no Brasil.

Arte não tem idade

Grafitiros ensinam idosos a rabiscar muros

VITOR MORETTO

O projeto LATA 65 veio ao Brasil a convite do Sesc de Santana, na zona norte de São Paulo, para realizar um workshop com os seus “vovôs e vovós”, comemorando o Dia Internacional do Idoso. O workshop teve início no dia 29 de setembro e terminou em 4 de outubro. Durante esses dias, um grupo de 14 idosos aprenderam tudo sobre a ar-

te contemporânea de rua, criaram as respectivas ‘tags’(assinaturas), realizaram desenhos e moldes de estêncil para, só depois, experimentarem as latas de spray num muro, onde criações ficaram registradas. “Aqui aprendi que sou capaz de criar”, diz Fátima Amat, 62, que escolheu como tag Fat9.

Moradora da zona norte de São Paulo, Fátima participa de um trabalho de pintura de velas, mas nunca tinha tocado

num spray, nem feito um molde de estêncil. Ela gostou do que aprendeu, e escreveu palavras como “paz” e “amor” no muro do Sesc.

Para Lara Seixo Rodrigues, idealizadora do projeto, a arte não pode ser restrita. “A arte deve ser compartilhada. A essência do graffiti é a quebra de preconceitos e é isso que o LATA 65 quer fazer”, declarou. A mentora do projeto também afirmou que, nas oficinas que já realizou, ouviu idosos dizerem que já não serviam para nada, mas, após a experiência, percebiam que podiam ser criativos e capazes. “O resultado final pode não parecer bonito para alguns, mas no plano social é importante”, afirmou.

Outra ‘graffiteira’ novata,

Francisca Aparecida Oliveira Machado, 64, foi incentivada a participar da oficina pelo filho de 22 anos, também artista. “É maravilhoso. Eu nunca tinha pintado, sou mais de forno e fogão. Senti-me muito livre e, a partir de agora, tenho outra visão do trabalho do meu filho”, contou.

Durante a semana, Fran (a ‘tag’ que escolheu), contou com a presença da família e fez moldes de estêncil com flores e uma borboleta.

Origem

Laura Seixo realçou que um dos efeitos da oficina é que os idosos passem a perceber o que veem nas ruas da cidade. O nome Lata 65 faz referência à

idade média dos participantes do projeto, que teve início em Portugal, em 2012.

A ideia, segundo a arquiteta, surgiu enquanto organizava o WOOL (Festival de Arte Urbana em Covilhã) e percebeu que os idosos eram os que passavam mais tempo vendo as obras e se mostravam muito curiosos. Perguntavam tanto sobre as técnicas como sobre particularidades da vida dos artistas. Foi, então, desafiada por um amigo a fazer um seminário. O projeto foi apresentado em conferências, realizado em festivais e tornou-se uma organização não-governamental. Desde 2015, possui atividades regulares e sistemáticas, incluindo oficinas de dois dias em alguns locais de Lisboa.

Os benefícios de adotar um pet

A adoção de cães e gatos de rua cresce no Brasil e leva alegria aos donos

**FLÁVIA FLORES
THAIS SANTOS**

Fazer o bem e adotar um cão ou um gato é mesmo tudo de bom. Esses bichinhos de quatro patas trazem alegrias e proporcionam um amor incondicional, sem pedir nada em troca. Existem vários animais abandonados nas ruas, em busca de uma família ou espalhados por diversas Ongs ou Centros de Zoonoses de São Paulo para adoção.

Há diversos motivos que levam ao abandono de animais, como mudança de residência, excesso de trabalho e falta de espaço, entre outros. Esses animais ficam expostos a várias doenças e outros perigos, como atropelamentos e violência.

Para a veterinária Carolina Gonçalves Cacezi, a adoção de cães e gatos reduz esses riscos e ajuda a promover campanhas de castração. Além disso, o convívio com animais pode fazer toda a diferença na infância. A veterinária explica que, se há o contato desde cedo, a criança dificilmente será alérgica aos pelos e à saliva dos bichos. Também será mais

ativa, aprenderá sobre responsabilidade e ficará mais madura. De acordo com Carolina, ao acariciar e se divertir com o bicho, a pessoa também libera endorfina, que ajuda a aliviar o estresse.

Já os idosos sentem-se mais úteis com a responsabilidade de cuidar de um animal de estimação. “Um idoso se sente mais vivo na companhia dos bichos. O fato de terem animais faz com que a solidão não seja um fardo”, aponta.

O estudante de Educação Física Ricardo Gonçalves, 20, adotou Blade em 2006 e afirma que ele é um cão treinado e muito dócil. “Decidi adotar o Blade com minha esposa, porque percebemos que a casa estava meio vazia, faltava um pouco de alegria no ambiente. Então um dia estávamos passando por um pet shop e havia um anúncio sobre adoção de cães”.

Ricardo também diz que um cão é como um ser humano, e precisa de afeto e amor. Ele também destaca o quão importante é fornecer uma boa alimentação e higiene aos animais.

Para ele, o ideal é pensar muito antes de adotar, pois



Campanhas de adoção de pets ganham cada vez mais adeptos em todo o Brasil

um cão exige tempo e disposição do adotante. “É preciso pensar se você vai ter tempo de cuidar, porque infelizmente muitas pessoas dizem isso e não cuidam, levando-os ao abandono”.

Silvana Santos, dona de casa, 45, adotou Bob por meio da Ong “Procure Um Amigo”, que promove a adoção animais. Para ela a adoção é um ato maravilhoso, pois o amor que o animal oferece é único.

Vínculos

Um cão é um grande amigo para toda a família, principalmente para as crianças. Por isso, são elas que mais sofrem quando o companheiro se vai. A psicóloga Cleuza Sakamoto explica como ajudar a criança a superar essa perda. “O processo da perda de um animal de estimação muitas vezes é dolorido porque ele é visto como um membro da família. A criança precisa ter tempo para digerir a perda. Os pais

precisam respeitar o tempo dela, porque o tempo que alguém pode levar para superar, muitas vezes depende da história de vida do indivíduo com o animal e a ligação que um tinha com o outro.”

Só quem tem um amigo de estimação sabe o que é chegar em casa e ser bem recebido, mesmo tendo passado o dia inteiro fora. Os olhos são irresistíveis e um sorriso é arrancado a cada abanada de rabo. Quem tem um pet não sabe o que é estar sozinho.

GIOVANI BUSELLI

A cidade de São Paulo ainda não está totalmente estruturada para a mobilidade e acessibilidade de pessoas com deficiência física. Mais de 2 milhões de deficientes vivem na cidade e muitos deles reclamam sobre as dificuldades nas jornadas de trabalho, estudo e lazer. Os cadeirantes são os que mais encontram problemas, principalmente nas ruas do centro da cidade e em transportes públicos.

É previsto na lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de

2000, o estabelecimento das normas e direitos do portador de deficiência física em relação à acessibilidade e mobilidade em espaços urbanos, públicos e em meios de transporte. “Essa lei é de extrema importância para que a pessoa com deficiência física tenha pleno acesso a locais públicos e privados, bem como o direito constitucional de ir e vir”, afirma o advogado Jean Silva Freitas.

Camila Roberta Dianete, 33, sofre de distrofia muscular e se locomove apenas em cadeira de

São Paulo ainda tem falhas na acessibilidade a deficientes físicos

Cidadãos com mobilidade reduzida enfrentam problemas nas calçadas e no transporte público

rodas. A jornada diária por São Paulo nessas condições não é fácil e Camila afirma que se decepciona com a estrutura da cidade. “Eu diria que até hoje nenhum lugar por onde passei é 100% acessível. Mas há lugares muito péssimos, como o centro da cidade. É um lugar que recebe muitas pessoas e não tem acessibilidade nenhuma, as ruas e calçadas são esburacadas e quase não há rampas”, afirmou Camila. De acordo com ela, também há dificuldades no metrô e nos ônibus. “O transporte quase não funciona. Elevadores quebrados nos metrôs, funcionários despreparados e muito descaso. O ônibus usa quem realmente precisa porque tem que contar com a boa vontade das pessoas para ajudar”.

O centro de São Paulo é um dos locais mais movimentados da cidade e, mesmo assim, peca em estrutura para deficientes físicos. Há pisos esburacados por toda

parte ao redor de estações como a Sé e República, além de poucas rampas de acesso entre rua e calçada e, principalmente, no acesso a estabelecimentos. Dentro das estações do metrô, a situação parece ter melhorado com o passar do tempo, mas as reclamações são em relação ao despreparo. Apesar da construção de mais elevadores no sistema metroviário, muitos estão em manutenção e quase não há funcionários em algumas estações para orientação.

Bancos

Em estabelecimentos também há desrespeito às normas dos deficientes físicos. Deborah Sudano, 49, tem poliomielite e precisa usar um aparelho ortopédico na perna. Usava muletas para andar, mas, recentemente, passou a se locomover em cadeira de rodas. Ela conta que sempre encontrava problemas para entrar em ban-

cos, devido ao detector de metais. “Toda vez eu discutia com metade dos funcionários do banco. Eu não consigo passar pela porta detectora de metais e, mesmo que passasse, meu aparelho ortopédico travaria a porta e muitas vezes ninguém liberava a passagem para deficientes. Da última vez, tive que chamar a polícia para me deixarem entrar.”

Deborah diz também que um dos maiores desrespeitos aos direitos do deficiente é o uso inadequado de vagas exclusivas, assim como a falta delas. “A maioria das vagas para deficientes são usadas por pessoas sem deficiência. Vejo sempre em shoppings, mercados, bancos, as pessoas não têm o menor respeito e nem adianta reclamar. Nossos direitos não são garantidos. Brigo até hoje para ter uma vaga na frente do meu prédio, no condomínio onde moro, mas a administração nem se importa com isso”, explica.



Giovani Buselli

Cesar Lopes

Opção esportiva em São Paulo

Parkour é uma alternativa para quem deseja praticar esportes na maior metrópole do Brasil



Adrenalina é a palavra que melhor define os praticantes de parkour

CESAR LOPES

Todas as pessoas que vivem em São Paulo conhecem os lados negativos da maior metrópole do Brasil. Entre os diversos problemas como: trânsito, o excesso de poluição e todas aquelas coisas ruins das grandes cidades, está justamente o cenário ideal para praticar um esporte. Isso mesmo, ideal. As avenidas, os prédios, os canteiros são fundamentais para a prática do parkour. Parkour, que do francês significa “o percurso”, é um esporte criado pelo Frances David

Belle, sua técnica consiste em treinamento dado aos militares e ao método natural de educação física. David, adaptou e criou as técnicas para saltar obstáculos, sem fazer uso de nenhum tipo de equipamento, utilizando apenas movimentos corporais, superando seus limites e vencendo os obstáculos. O esporte surgiu na própria França, nos anos 80 e vem se popularizando aos poucos, desde que chegou na capital em 2004.

Para praticar o esporte, um tanto quanto radical, são necessárias as devidas instruções e um local com características

bem urbanas. O esporte dispensa: tacos, bolas ou qualquer tipo de equipamento. O objetivo é passar todos os obstáculos dos mais diversos em menor tempo possível, sem nenhum tipo de auxílio para saltar, rolar pular, escalar e etc. Como é feito no filme “B 13 -13º distrito”. O filme mostra o tempo todo técnicas de salto do parkour e tem como personagem principal da história o próprio David Belle.

Na capital paulista já são mais de três escolas dando aulas. Lugares fornecendo treinamento desse tipo já existem também, no Rio de Janeiro e em

Minas Gerais, e o número de jovens buscando academias específicas cresce a cada ano.

É o caso do estudante de educação física, Guilherme Salomão, ele tem 20 anos e há dois anos pratica o parkour em São Paulo. Guilherme diz que o esporte francês ensina um estilo de vida. “Ele te ensina a viver também, porque a principal lição é: se na sua vida existe um problema ou um obstáculo, por mais que ele te dê medo, você precisa passar por ele.” O estudante disse ainda, que se interessou pelo esporte depois de ver vídeos no YouTube.

Cuidados

Guilherme faz alguns alertas para quem deseja praticar o esporte: “É muito importante procurar uma escola e instrutores sérios, porque tem muitas pessoas por aí que se dizem professores”. O estudante chamou atenção, também, para os riscos que essas pessoas correm quando saem por aí saltando prédios e muros sem a devida orientação. “Tem que ter a instrução certa, porque em uma altura razoável, qualquer erro pode ser fatal” ressaltou o estudante. É fundamental pesquisar a vida profissional do instrutor e saber o que seus alunos pensam do profissional. Não economize em perguntas, tire todas suas dúvidas. Pesquisas na internet ajudam a compreender melhor algumas técnicas, mas não substitui a presença de um professor. Seguindo medidas simples como essas, com uma dose de coragem, você estará apto para fazer da metrópole caótica sua quadra de esportes. Para mais informações acesse o site: www.gympass.com.

Conflito na Ucrânia afeta o esporte

BEATRIZ BACELAR

A Ucrânia passa por uma crise política e social desde 2013. Forças pró-governo e separatistas pró-russos se enfrentam num conflito que já soma mais de 8 mil mortos e 17 mil feridos, segundo a ONU. Também o meio esportivo, sobretudo a segurança dos atletas, foi afetado.

Nos territórios que fazem fronteira com a Rússia, como Donetsk e Lugansk, se encontram os separatistas que desejam se unir à Rússia. A equipe Shakhtar Donetsk, por exemplo, se deslocou para a capital Kiev e conduz seus jogos em L'viv, pois seu estádio-sede foi bombardeado no conflito. Existe também o medo dos atletas estrangeiros em jogar no país e sofrer esses confrontos.

Para o jornalista esportivo Rafael Reis, o evento acabou tachado como normal. “A guerra prejudi-

cou o país. Prejudicou o Shakhtar mais do que qualquer outro clube, pois era o clube que mais investia em brasileiros e, por isso, a imprensa cobria muito. Como não contratam mais, as pessoas pararam de falar”, acredita Rafael.

DNIPRO

A guerra na Ucrânia trouxe dificuldades aos times, mas também os encorajou nas competições. O Dnipro, por exemplo, foi finalista da League Europa no meio da tensão que ocorria no país. O zagueiro Douglas Bacelar, 24, chegou ao clube em 2013 e relata o estímulo do time durante a competição. “A situação que o país passou e está passando também serviu de incentivo para nós, pois queríamos muito fazer um bom campeonato e sermos campeões. Toda a Ucrânia estava torcendo pelo Dnipro”, explica Douglas.

O Dnipro teve que transferir seus jogos para Kiev, pois os times adversários na Europa League se sentiram ameaçados com a tensão no país. “Não jogamos no nosso estádio nas competições internacionais, mas, felizmente, alcançamos bons resultados”, afirma o zagueiro.

Houve casos de jogadores brasileiros se sentirem intimidados, mas Douglas confirma que o Consulado mantinha sempre contato com os atletas, passando tranquilidade e se comprometendo a retirá-los do país em qualquer situação de risco.

Bruno Gama, 27, meio campista do Dnipro, também lembra da situação “Durante uma viagem, quando entramos no território que corresponde à Crimeia (anexada pela Rússia em 18 de março de 2014) estavam imensos militares russos na fronteira, todos armados. Entraram no ônibus para

Campeonatos de futebol são prejudicados por clima de medo no país

Camila Lima



Dnipro e Shakhtar Donetsk estão entre as equipes mais afetadas

confirmar nossos passaportes, mas não houve qualquer tipo de problema. Lá isso é uma situação normal, mas para nós essa realidade assusta”. Bruno é português e está há dois anos na Ucrânia.

Segundo Douglas, a tensão no país diminuiu e hoje a tranquilidade é maior, “Como eu não entendo muito a língua, eu não vejo muitos noticiários, mas hoje a si-

tuação já é um pouco melhor. Já vamos poder jogar novamente na nossa cidade”, confirma o atleta.

Ucrânia e Rússia assinaram um acordo de paz em fevereiro de 2015 para encerrar os conflitos. Esse acordo integra um plano de cessar-fogo entre os separatistas no leste do país. Ocorreram avanços claros e hoje o clima está mais tranquilo para os cidadãos.

FAPCOM, há 10 anos promovendo a cultura do encontro

Das dependências da faculdade ao prêmio nacional

LAIS RODRIGUES

No segundo semestre de 2015, aconteceu a oitava edição do Simpósio de Comunicação da FAPCOM, que teve como tema “A imagem: mito, culto e mídia”, reunindo pesquisadores, estudantes, professores de comunicação, filosofia e áreas correlatas.

O evento, realizado no auditório da faculdade, contou com a presença da Profa. Dra. Malena Segura Contrera (PUC/SP), trazendo a discussão sobre “A imagem mítica”

e como a natureza humana é angustiada após conhecer sua finitude, buscando no passado uma resposta para o futuro.

Em sequência, o Prof. Dr. Alberto Klein (UEL – Universidade Estadual de Londrina) falou sobre “A imagem de culto”, sobre como o ambiente no qual a imagem está inserida pode alterar a forma de como ela é compreendida.

Para isso, citou o acontecimento com o jornal francês Charlie Hebdo, em que se levantou um debate ao redor do mundo sobre a liberdade de expressão, terrorismo e in-

tolerância religiosa, já que a mesma imagem que é adorada por uns pode ser odiada por outros.

No último dia, finalizando o ciclo de palestras, o Prof. Dr. Norval Baitello Junior (PUC/SP) expôs “A imagem mediática” e sua importância na construção da sociedade.

Para Baitello, “Toda imagem é uma fórmula de emoção, um catalizador de paixões”, transcendendo seu estado de objeto de admiração na arte para se tornar uma ferramenta geradora de dinheiro no mundo capitalista.

Conquista

Outro importante evento durante o último semestre foi o 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro, no Rio de Janeiro, com a entrega do prêmio EXPOCOM e a apresentação de trabalhos acadêmicos de pesquisadores de todo o território nacional.

Na cerimônia de encerramento houve a entrega dos prêmios aos vencedores. Dois grupos de alunos recém-formados dos cursos de Rádio, TV e Internet e Relações Públicas

da FAPCOM foram vitoriosos: o seriado “Diário do Medo: as lendas”, de Carolina Hanke, Bruna Amorim e Janderson Difanti, sob orientação da professora Leslye Revely, e o projeto de assessoria de comunicação “Buffet Momento Mágico: transformando sonhos em festa”, de Mariana Vieira, Luis Miguel, Jéssica Gugias, Camila Aguiar e Mariana Lombardi, sob orientação da professora Glaucya Tavares.

A FAPCOM se orgulha por promover profissionais qualificados, éticos e socialmente conscientes.

CURSO DA MELHOR IDADE FAPCOM TEM INSCRIÇÕES ABERTAS PARA 2016

Assessoria Fapcom



Coral da Melhor Idade marca presença nos eventos oficiais da Paulus

ALESSANDRA MARASSI

Coordenadora do Núcleo de Extensão da Fapcom

Direcionado a todas as pessoas com mais de 40 anos, o curso valoriza o contínuo aprendizado nas áreas de Humanidades, Comunicação e Tecnologia. O intuito é promover o aprimoramento social de cada indivíduo e contribuir para a convivência saudável entre alunos e colaboradores da Fapcom.

A proposta do curso envolve conteúdos voltados à atualização técnica, científica e cultural; bem como o desenvolvimento de habilidades e competências pessoais. As inscrições para formação das turmas de 2016 estarão abertas até o dia 29/02/2016.

Duração

O curso tem duração de quatro semestres (dois anos), com aulas ministradas por profissionais qualificados, em sua maioria mestres e doutores, duas vezes por

semana sendo às terças e quartas-feiras no período da tarde. A matriz curricular está voltada para as áreas de: Humanidades (fundamentação filosófica, cultural e sociológica sobre o existir humano), Comunicação (compreensão da sociedade contemporânea tecida pelos meios de comunicação) e Tecnologias (aprendizado e prática de recursos fundamentais em tecnologia e comunicação).

Como parte das atividades oferecidas, o curso possui o Coral Sênior da Melhor Idade Fapcom, que acontece todas às terças, no período da tarde, e se apresenta oficialmente em eventos comemorativos.

Site: www.fapcom.edu.br/extensao/comunicacao-melhor-idade
E-mail: cursos.extensao@fapcom.edu.br
Fones: (11) 2139-8500 ou 2139-8541

Bonitos por natureza

“Elas contam como é participar de concursos de misses na terceira idade”

BEATRIZ FLEIRA

Os idosos se reinventam com o passar das décadas, e mostram que podem, sim, curtir a vida em cada momento. Segundo o IBGE, o brasileiro vive cerca de 72 anos. Os avanços da medicina e os cuidados com a saúde são os principais responsáveis por isso. Contra a ditadura da juventude eterna surgiram os Concursos de Miss e Mister Terceira Idade.

Estes concursos ocorrem anualmente em alguns estados, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro e são organizados pela Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI-NACIONAL), uma sociedade civil, sem fins lucrativos, formada pelas Associações dos Clubes da Melhor Idade em funcionamento no País.

Promovido nos municípios, por meio do Fundo Social de Solidariedade, (Fussesp) em São Paulo, o evento é patrocinado pelo Governo do Estado, com o propósito de ressaltar a importância do bem-estar na velhice.

O concurso, antes organizado no Memorial da América Latina, mudou de endereço, após um incêndio no auditório, em novembro de 2013, sendo agora realizado no Clube Juventus. O desfile da terceira idade tem ganhado força e os participantes não precisam mais arcar com os custos das roupas usadas no evento.

Para participar é necessário estar matriculado em algum

clube de inclusão do município, como o Clube Escola. Depois os coordenadores dos cursos selecionam um casal de idosos com mais de 60 anos para participar. Antes do evento os candidatos passam por uma breve aula de desfile e postura.

Quem são elas?

As idosas são as que mais participam: são 50 senhoras e 20 senhores. É importante mostrar elegância aos jurados. A vencedora, em 2013, Elisa Maria Gouveia, 68, sonhava em ser miss desde adolescente.

Via fotos da atriz e ex-modelo Vera Fischer nas revistas de manequim e desejava o mesmo, mas a família não apoiava a garota. Ela ganhou o concurso em sua 20ª edição, 40 anos depois, segundo o site da Folha.

Outra senhora que marcou presença no evento foi Irene da Rocha, 59, pedagoga, aposentada e agente social. Irene assistiu ao evento Miss e Mister Terceira Idade pela primeira vez em 2004, ano em que seu marido, Cicero da Rocha, foi candidato, na final estadual.

Sobre o evento Irene diz: “Minha participação como jurada, na cerimônia de pré-seleção do Miss e Mister Terceira Idade 2013 do município de São Caetano do Sul, foi uma experiência maravilhosa”, conta.

Irene mantém blogs para



Divulgação

a Terceira idade. Para aqueles que desejam participar, ela diz: “aproveite este momento único em sua vida, onde se resgata a autoestima e aumenta o convívio social”.

Com blogs voltados para diversas áreas de incentivo para idosos, Irene divulga voluntariamente eventos culturais, educacionais, esportivos e beneficentes, um incentivo para idosos na utilização da internet. Em seu blog, concursobelezafterceiraidade.blogspot.com.br, criado em abril de 2013, Irene faz postagens descontraídas, com fotos dos eventos.

“Além das misses, aqueles que concorrem ao concurso de mister ficam mais cuidadosos com sua aparência, e todos, pelo que pude perceber, resgatam sua autoestima, aumentam o convívio social e desfrutam de um dos melhores momentos em suas vidas, de ganharem o concurso pela beleza, simpatia e elegância. Tudo isso, sobre meu ponto de vista, em prol de um futuro digno de ser vivido”, diz Irene.

Em tempos em que modelos de 25 anos são consideradas velhas, mostrar que a velhice é relativa melhora a convivência de diferentes gerações. A inclusão dos idosos transforma suas relações pessoais e os faz voltar a cuidar da saúde e da vaidade.